

DETALHES QUE DESVELAM MARCAS DE GÊNERO NA INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Silvana Nicoloso

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

As pesquisas sobre marcas de gênero no uso da linguagem para produzir um discurso não são recentes, porém as descobertas sobre o tema são cada vez mais reveladoras e interessantes. Ao perceber que homens e mulheres podem apresentar traços que sugerem marcar suas posições sociais e culturais de gênero torna-se válido pesquisar se este fato também ocorre na interpretação da Língua de Sinais Brasileira. O presente trabalho é resultante de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo central fazer uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira. A referida pesquisa caracteriza-se por ser um Estudo de Caso e tem como suporte teórico os Estudos da Tradução, os Estudos de Gênero, os Estudos Culturais e os Estudos Surdos vinculados a Análise Crítica do Discurso. A coleta de dados realizou-se com participação de seis intérpretes de língua de sinais brasileira (ILS) sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino. As filmagens das interpretações foram efetivadas em estúdio fechado na Universidade Federal de Santa Catarina, gravadas em DVDs e, posteriormente, analisadas. O texto interpretado foi extraído do jornal “Folha de São Paulo” – Caderno Equilíbrio – publicado em 28 de julho de 2005, intitula-se “A construção da diferença de gênero” e é de autoria de Rosely Sayão. Cabe ressaltar que o tema e o objeto de estudo da pesquisa não foram revelados aos participantes a fim de manter a maior naturalidade e neutralidade possíveis no momento da interpretação evitando atitudes de monitoramento e/ou controle sobre os sinais, escolhas e/ou estratégias utilizadas em meio ao processo de interpretação. A partir das investigações realizadas foi possível perceber alguns traços que sugerem marcas de gênero na interpretação da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira, contudo é importante esclarecer que sendo esta pesquisa um estudo de caso não visa generalizar os dados apresentados.

INTRODUÇÃO

Não podemos negar que uma tradução ou interpretação requer habilidades próprias do profissional que fará a mediação cultural e linguística entre o público envolvido no contexto

que será interpretado. Com isto, na tentativa de avançar um pouco mais nessas discussões e contribuir, em parte, com algumas reflexões sobre aspectos que envolvem o intérprete de Língua de Sinais Brasileira (ILS) procurou-se analisar se as decisões tradutórias baseadas nas modalidades de tradução descritas por Aubert (1998) - escolhas léxico-gramaticais, omissões, explicitações, modulações, transposições e tempo de interpretação - realizadas no ato interpretativo por ILS homens e ILS mulheres acontecem de maneiras diferentes.

A partir de observações das interpretações realizadas pelos sujeitos, procurou-se selecionar alguns trechos do texto os quais apareceram marcas distintivas entre as traduções femininas e masculinas. Com isto, foi possível identificar que as interpretações em Língua de Sinais Brasileira também apresentam marcas de gênero.

MÉTODO

A referida pesquisa utilizou-se da abordagem qualitativa e se caracteriza por ser um Estudo de Caso, fazendo uso de estratégias que possibilitem mencionar elementos pertinentes à temática como: coleta de dados através de filmagens em DVD; análise dos aspectos investigados na interpretação de língua de sinais através do sistema de transcrição do ELAN e considerações plausíveis das marcas de gênero contratantes manifestadas durante as interpretações de um texto da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira realizadas por intérpretes homens e mulheres.

Nas gravações, transcrições e considerações procurou-se garantir a fidedignidade e análise das mesmas quanto à questão das marcas de gênero na interpretação de língua de sinais. Cabe ressaltar que as filmagens foram coletadas de maneira formal, de acordo com as normas estabelecidas pelo *Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos* da UFSC, no Laboratório de Novas tecnologias (LANTEC) situado no prédio do Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e com o consentimento prévio dos sujeitos alvo da pesquisa por meio da assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Esses vídeos serviram como suporte para análise de dados empíricos, bem como de embasamento para as possíveis afirmações, confirmações ou refutações das hipóteses e reflexões realizadas pela autora da pesquisa em questão.

O procedimento metodológico de seleção e coleta de dados dessa pesquisa foi composto de algumas etapas: Primeiramente, realizou-se a seleção do texto alvo das interpretações. Os critérios levados em consideração para a escolha foram: (i) o fato do mesmo referir-se ao tema abordado na pesquisa, ou seja, a questão de gênero; (ii) ser um texto de nível significativo para uma rápida compreensão; (iii) apresentar poucas expressões idiomáticas e

metáforas; (iv) ser condizente com o contexto de situação, isto é, interpretação simultânea de nível superior; (v) apresentar facilidade de competência tradutória e referencial para os participantes e, por fim, (vi) não caracterizar um texto muito longo.

Posteriormente, efetivou-se a coleta dos dados por meio de gravações audiovisuais (DVD) das interpretações do texto escolhido. As interpretações deram-se da Língua Portuguesa oral para a Língua de Sinais Brasileira. A próxima etapa constituiu-se em observar e analisar essas interpretações. Especificamente, foram feitas observações dos vídeos para localizar traços contrastantes de gênero durante as interpretações dos ILS homens e ILS mulheres. A descrição dos dados deu-se por meio de um mapeamento das interpretações em busca da presença de *modalidades de tradução* (AUBERT, 1998), a saber: omissão, transcrição, empréstimo, tradução literal, transposição, explicitação, implicação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro, correção e acréscimo; utilizadas pelos sujeitos da pesquisa a fim de apresentar uma discussão resumida dos dados coletados. Em outro momento, as cenas em que foram identificadas as marcas de gênero nas filmagens das interpretações produzidas pelos intérpretes foram colocadas no Sistema de Transcrição de Língua de Sinais (ELAN) a fim de segmentá-las pontualmente e analisá-las de acordo com os objetivos propostos.

Finalmente, após a verificação e análise dos trechos escolhidos teve-se a intenção de concluir a pesquisa com as possíveis constatações e considerações a respeito das diferenças manifestadas pelos intérpretes do sexo masculino e do sexo feminino observadas durante o ato interpretativo e que sugerem marcas de gênero, fazendo uma analogia entre elas.

Assim, na realização do presente trabalho, procurou-se efetivar a teorização de dados empíricos sobre marcas de gênero na interpretação simultânea da Língua de Sinais Brasileira levando em consideração os aspectos teóricos dos Estudos Surdos, dos Estudos Culturais, dos Estudos da Tradução bem como da Análise Crítica do Discurso na tentativa de se fazer uma articulação entre essas concepções teóricas.

RESULTADO

A análise e descrição dos dados coletados foram possíveis a partir de observações das interpretações realizadas pelos seis intérpretes de Língua de Sinais Brasileira, sendo que se procurou selecionar alguns trechos do texto os quais apresentaram marcas distintivas entre as interpretações das intérpretes mulheres e dos intérpretes homens. Algumas cenas escolhidas serão comentadas a seguir. Foram selecionados para investigação e análise mais detalhada dois trechos que evidenciam em suas cenas episódios de interpretação com elementos que constituem marcas de gênero na linguagem, ou melhor, na interpretação em língua de sinais.

A primeira cena que evidencia marcas de gênero na interpretação e que foi selecionada e analisada constitui-se em uma interpretação da palavra “gênero” a qual aparece no título do texto em questão: “A construção da diferença de gêneros”. Na interpretação deste termo percebe-se que a maioria dos intérpretes opta pela interpretação literal¹ e utiliza-se somente da soletração quando se refere a essa palavra. No entanto, duas ILS mulheres, além da soletração utilizam-se da explicitação² caracterizando, assim, uma informação contextualizadora, pois complementam a informação com os sinais referentes a HOMEM e a MULHER para especificar e evidenciar o conceito de gênero. Ou seja, fazem referência ao termo “gênero” digitalizando a palavra e, logo em seguida, reforçam esta informação com o uso dos sinais próprios da língua de sinais HOMEM e MULHER. É importante mencionar que juntamente com os referidos sinais estão agregados os indicadores de explicitação e ênfase com a utilização da expressão facial, mais especificamente com o levantamento das sobrancelhas, e o movimento da cabeça.

Por sua vez, alguns intérpretes homens, na interpretação do mesmo recorte do texto, ou seja, do título: “A construção da diferença de gêneros”, adotam a transposição³ e excluem a palavra “gênero”, mencionada pelo narrador, transmitindo essa informação de forma direta. Em outras palavras, não mencionam o termo “gênero” substituindo-o, ou melhor, desdobrando-o em vários sinais sequencializados, porém mantendo o sentido da palavra.

Com isto, aqui nesta análise, percebeu-se que a maioria das intérpretes mulheres, na tentativa de enfatizar e esclarecer melhor a informação adicionou dados à interpretação que não se encontravam explicitamente na mensagem transmitida no texto, podendo considerar que as mulheres participantes desta pesquisa tendem a fazer maior uso da “explicitação” com “informações contextualizadoras” e serem mais detalhistas que os ILS homens. Em contra partida, os intérpretes homens dão privilégio a definição direta sugerindo, nesta pesquisa, a transposição como uma preferência do sexo masculino.

¹ O conceito de Tradução Literal assumido aqui é o defendido por Aubert (1998:106) que a vê como “sinônimo de tradução palavra por palavra e em que, comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, se observa: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as mesmas categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos.”

² Segundo Aubert (1998: 107) baseado no modelo para pesquisa tradutológica que indica uma proposta de modalidades e procedimentos técnicos da tradução, originalmente elaborada por Vinay e Darbelnet, “Explicitação/Implicação são duas faces da mesma moeda, em que informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas.”

³ No modelo de Vinay e Darbelnet apresentado por Aubert (1998: 107) “a transposição ocorre sempre que arranjos morfosintáticos forem efetivados. Assim, por exemplo, se duas ou mais palavras forem fundidas em uma única ou, ao contrário, se uma palavra for desdobrada em várias unidades lexicais, ou ainda se a ordem das palavras for alterada.” Cabe ressaltar que para Aubert, as transposições podem ser obrigatórias, impostas pela estrutura da língua alvo, ou facultativas a critério do tradutor.

É relevante mencionar que o tempo de duração do texto narrado oralmente em Língua Portuguesa é de 5 minutos e 12 segundos, sendo pertinente deixar registrado os dados coletados a respeito do tempo de duração dessas interpretações: As intérpretes Silvana e Viviane ocuparam o tempo de 5 (cinco) minutos e 15 (quinze) segundos para o ato interpretativo; Letícia, por sua vez, interpretou o texto em 5 (cinco) minutos e 13 (treze) segundos; já os ILS Felipe, Marcos e Tiago utilizaram, para suas interpretações exatamente o mesmo tempo do texto narrado em português, ou seja, 5 (cinco) minutos e 12 (doze) segundos. Com isto, é possível afirmar que as ILS mulheres investigadas, em sua totalidade, foram mais extensivas em suas práticas interpretativas e que os homens não apresentaram acréscimo de tempo para tal atividade. Assim, neste estudo, pode-se confirmar a hipótese de que o fator tempo também é capaz de constituir uma característica marcante entre os gêneros na interpretação em Língua de Sinais Brasileira. Cabe esclarecer que o tempo foi contabilizado a partir do início de cada interpretação em língua de sinais, separadamente. Ou seja, não houve relação simultânea com o texto narrado oralmente.

Com base nos dados apresentados é possível confirmar a suspeita de que a passagem da informação transmitida pelos intérpretes de língua de sinais investigados nesta pesquisa se deu em espaços de tempos contrastantes entre homens e mulheres. Este fato levava a hipótese de “haver diferenças atenuantes e consideráveis nas escolhas tradutórias utilizadas pelos ILS homens e ILS mulheres na estruturação do discurso organizado por esses sujeitos envolvidos na responsabilidade de interpretar.” Essas diferenças entre as escolhas tradutórias feitas pelos intérpretes homens e mulheres podem ser associadas ao que Cameron (1995) apud Heberle (2000) nos explica quando diz que para se tornar homem ou mulher é necessário que cada indivíduo negocie e acomode estilos que definem masculinidade e feminilidade em uma determinada comunidade em certo momento histórico. Visto que homens e mulheres tendem a optar por diferentes formas linguísticas é importante levar em conta que, assim como meninos e meninas, eles assumem papéis e comportamentos diferentes na sociedade e têm estilos conversacionais deferentes.

Dando continuidade a análise e descrição dos dados, o segundo trecho escolhido para observação baseia-se na interpretação da sequência dos nomes próprios (Ana, Paulo, Mariana e Álvaro) que, de acordo com o texto, identificam o indivíduo como pertencente a um determinado gênero, ou seja, o próprio nome evidencia o sexo da pessoa. Nesse episódio selecionado percebe-se que a maioria dos ILS optou somente pelo uso do alfabeto digital para a soletração dos nomes próprios, porém duas intérpretes além de soletrar os referidos nomes, enfatizam a informação com o sinal de MULHER para explicitar que o nome “Ana” pertence

ao sexo feminino e usam o sinal de HOMEM para esclarecer que o nome “Paulo” refere-se à categoria masculina.

As três intérpretes mulheres também fazem uso da modulação⁴, modalidade de tradução que não foi utilizada pelos ILS homens nas interpretações observadas nesta pesquisa. Para exemplificar melhor, pode-se perceber esta modalidade quando uma intérprete elege mais adequada a substituição do nome “Álvaro” pelo sinal referente a DIVERSOS dando a idéia de continuidade. Ou seja, em vez de também soletrar a palavra Álvaro, assim como os demais nomes, ela optou por utilizar o sinal de DIVERSOS e com isto dar a idéia de sequencialidade preservando a idéia contida no texto fonte e fazendo economia de tempo.

No entanto, um ILS homem considerou mais apropriado omitir o nome “Álvaro” de sua interpretação. Assim, pode-se observar novamente a indicação de que as intérpretes mulheres, observadas para a coleta de dados desta pesquisa, utilizam a ‘explicitação’ da informação com a finalidade de esclarecer e evidenciar a mensagem implícita transmitida no texto. E, também, sugere a omissão⁵ como um aspecto marcante na interpretação realizada pelos intérpretes do sexo masculino.

É pertinente mencionar, aqui, que o texto fonte caracteriza-se por ser um texto narrativo, informativo e se apresenta na forma direta de primeira pessoa do singular, ou seja, as orações estão na voz ativa, sendo que todos os intérpretes mantiveram esta forma de expressão nas suas interpretações. Vale comentar, também, que o tipo de vocabulário utilizado no texto fonte é o formal, pois se trata de um texto extraído de um jornal com o propósito de informar ao leitor as dificuldades de criar e educar meninos e meninas na sociedade atual. As interpretações realizadas nesta pesquisa, tanto por ILS homens quanto por ILS mulheres, mantiveram a mesma forma de expressão estimulando uma aproximação com o público alvo. Cabe esclarecer que segundo os Estudos da Tradução e os Estudos Culturais todas as estratégias utilizadas nas interpretações investigadas são pertinentes e estas não desqualificam ou priorizam uma tradução em relação à outra. Cada tradução é um novo texto. Os recursos utilizados e apresentados na análise enquadram-se na acomodação cultural da língua. Para a

⁴ Para Aubert (1998:108) “Ocorre modulação sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos. Ou para retomar Saussure, os *significados* são parciais ou totalmente distintos, mas mantêm-se, em termos genéricos, o mesmo *sentido*.”

⁵ Aubert (1998: 105) explica que “ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta. [...] As omissões podem ocorrer por muitos motivos, desde censura até limitações físicas de espaço, irrelevância do segmento textual em questão para os fins do ato tradutório específico, fins esses que nem sempre coincidem com os propósitos do ato de comunicação que gerou o Texto Fonte.”

compreensão da mensagem, a tradução necessita de meios, técnicas e métodos que facilitem a compreensão do texto traduzido na língua fonte para a língua alvo.

DISCUSSÃO/CONCLUSÃO

É interessante perceber que, hoje em dia, as dicotomias entre homens e mulheres no uso da linguagem, mais especificamente na tradução e interpretação, podem ser entendidas como sendo diferentes estratégias discursivas que seres humanos têm a escolher em suas interações verbais. As considerações sobre linguagem e gênero nos Estudos da Tradução apresentadas na pesquisa em questão objetivam fornecer dados ou subsídios para uma reflexão sobre uma área de estudo ainda não muito explorada no Brasil, ou seja, a tradução/interpretação da língua de sinais.

Cabe esclarecer que essa pesquisa por caracterizar um Estudo de Caso não pretende generalizar os dados aqui evidenciados. Nas investigações realizadas nessa pesquisa, portanto, foi possível perceber que as intérpretes mulheres observadas utilizaram mais da *explicitação*, informação contextualizada, detalhamento, *modulação* e ênfase para complementar as informações, ou seja, elas especificaram mais os conceitos contidos na mensagem durante o ato interpretativo. Outra característica marcante que se manifestou na amostra das interpretações das ILS mulheres, quando em contraste com as interpretações dos homens, se deu ao fato destas utilizarem um tempo maior para a realização de tal atividade.

No caso dos trechos observados das interpretações praticadas pelos intérpretes homens, estas se caracterizam por serem mais diretas. Os mesmos fizeram uso de uma interpretação com maior ocorrência de *tradução literal* e, também, da *transposição*, demonstrando serem mais econômicos nas escolhas léxico-gramaticais e na estruturação do discurso chegando, muitas vezes, a utilizar da *omissão* de alguns dados considerados por eles irrelevantes. Desta forma, suas atividades interpretativas foram marcadas, em sua maioria, por ocuparem um espaço de tempo menor, quando em comparação com o tempo despendido pelas ILS mulheres.

Para finalizar, gostaria de considerar o fato de que, apesar deste texto eliciar somente alguns traços de gênero marcantes entre as interpretações observadas e realizadas pelas ILS mulheres e pelos ILS homens, espera-se ter contribuído de forma significativa para elucidar algumas questões referentes à interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira quando relacionada à questão de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. *Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados*. São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP, v.5, n.1, 1998. (p. 99 – 127)

HEBERLE, M. V. Análise Crítica do Discurso e Estudos de Gênero (gender): Subsídios para a Leitura e Interpretação de Textos. In: FORTKAMP, M. B.M.; TOMITCH, L. M. B. (Org) *Aspectos da Linguística Aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

SAYÃO, R. A construção da diferença de gênero. *Folha de São Paulo* – Caderno Equilíbrio - S.O.S. Família. São Paulo: 28 de julho de 2005.